

# «Crimes dos bandidos voltam-se contra eles»

Expresso - 19/9/83

«A DENOMINADA 'Resistência' não é constituída senão por bandidos armados, sem ideologia nem objectivos políticos», disse-nos no Maputo uma fonte que contactámos a propósito de um recente ataque a cooperantes soviéticos que trabalhavam nas minas de Morrua.

Reconhecendo que na mesma ocasião e lugar os cooperantes portugueses e os oriundos da RDA não foram molestados, o nosso interlocutor negou, todavia, que se trate de ataques selectivos dirigidos especialmente aos cooperantes daquela nacionalidade.

«Todo o enquadramento da questão aponta para banditismo puro e simples. Os bandos armados, cujo apoio lhes vem do exterior, não são esclarecidos acerca dos objectivos e das acções a que servem de instrumentos. Matam, raptam, destroem povoações e culturas, incendiam as colheitas que não podem transportar apenas porque lhes armaram o braço e lhes prometem recompensas futuras que, evidentemente, nunca chegam a receber», prossegue o nosso interlocutor.

Dizemos-lhe conhecer o caso de um cooperante português que, interceptado por um bando armado que

lhe incendiou a viatura, foi durante quatro horas conduzido pelos campos e conseguiu sair nu, mas incólume, das mãos dos raptores, após ter provado não ser da nacionalidade que lhe queriam atribuir mas ser português. Foi deixado seguir em paz.

A nossa fonte admite que tais factos possam ocorrer, mas acrescenta que os crimes praticados pelos «bandidos armados» não escolhem as vítimas e fazem recair a sua brutalidade sobre as populações indefesas: quando não matam imediatamente, aterrorizam pelos sofrimentos físicos que infligem, cortam os seios às mulheres,

violam, estripam órgãos, cortam orelhas e narizes, seviciam crianças e velhos e cometem atrocidades indescritíveis.

«São então as próprias populações que exigem o seu julgamento público imediato e geralmente seguido de execução quando esses bandidos são apanhados», considera a nossa fonte de informação, explicando que, se algum apoio tivesse existido, por parte das populações carenciadas, a quem surgiam a prometer-lhes melhores condições de vida, bem cedo se aperceberam de que os pretensos salvadores não passam afinal de criminosos cuja violência não conhece limites. «Como poderia qualquer população apoiá-los, depois dos excessos que muitas têm conhecido e das privações que a acção desses bandos as obrigam a passar, cortando vias de transporte e destruindo culturas e alimentos?», pergunta ainda.

«É por isso que as autoridades da República Popular de Moçambique não podem ter, nem têm, contemplações para com os bandidos armados, sob pe-

# armados

Expresso, Lisboa, 10 de Setembro de 1983



na de perder a confiança do povo que junto delas procura refúgio e segurança», diz ainda.

«É evidente que tais indivíduos sem escrúpulos não se atrevem a atacar as Forças Armadas, mas num país com a extensão do nosso, é também a própria vigilância popular, aliada à acção dos militares e milícias armadas, quem ajuda

a descobrir e a punir os assassinos, violadores e sabotadores. Eles não possuem qualquer objectivo para além da violência — repete o nosso interlocutor — mas os crimes que cometem e as perturbações sociais e económicas que causam acabam sempre por se voltarem contra eles», afirma.

Falamos-lhe de casos, conhecidos e do domínio

público, de assassinios e raptos de membros do Partido e de dirigentes locais e até de deputados.

Confirma-os e declara que aí as intenções são claras, porque tais acções pretendem desmobilizar as pessoas e enfraquecer a estrutura dirigente. «É evidente que não o conseguirão», remata.